

# Viagens a Mato Grosso (1887/88) (Segunda Expedição ao Xingu - por Peter Vogel)\*

Tradução de Profa. Dra. Maria Alvina Krähenbühl \*\*

## Introdução

**N**o ano de 1884 navegaram pela primeira vez pelo Xingu, o segundo e mais volumoso dos afluentes do Rio Amazonas, vindo de sua nascente (o Batovi) ao sul até a sua foz no Amazonas, os senhores Dr. Karl von den Steinen, Dr. Otto Claus e o primo do primeiro, o pintor Wilhelm von den Steinen<sup>1</sup>.

Esses senhores encontraram índios em todas as jornadas, os quais não tiveram qualquer contato com a civilização e nem conhecem metal ou animal doméstico. De acordo com informações dos mesmos, devia se tratar de um outro ramo da mesma civilização encontrada em um rio mais a leste. O Batovi, o qual navegaram inicialmente, é, na verdade, somente um dos pequenos rios que formam a nascente do Xingu. A 11°55,5' s.Br. ele se une com duas grandes correntes vindas do SO ou do SE, as quais então, conjuntamente, formam o Xingu inicialmente. O primeiro deles foi denominado Ronuro, de acordo com informações dos índios, e o último de Culiseu. Eu posso já

---

\* VOGEL, Peter [1893]. *Reisen in Mato Grosso 1887/88 (Zweite Schingu-Expedition)*. (Hierzu Tafel 3 und 4) in: *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, vol. XXVIII. D. Reimer, Berlin.

\*\* Doutora em Engenharia Química pela Universitat Carl Von Ossietzky Oldenburg, Alemanha, 1994. Atualmente Profa. da Faculdade de Engenharia Química da Unicamp (FEQ-UNICAMP).

<sup>1</sup> Vide “Durch Central-Brasilien” de Karl von den Steinen, Leipzig, Brock-Haus 1886 [“O Brasil-Central” na tradução brasileira de Catarina Cannabrava], e “Bericht über die Schingu-Expedition im Jahr 1884” [Relato sobre a Expedição ao Xingu no ano de 1884] de Dr. Otto Claus, comunicação de Petermann 1886, brochuras V e VI (com dois mapas).

*aqui antecipar que a denominação Culiseu para a corrente vinda do SE não está correta, mas sim que a mesma deve ser chamada de Culuene. O Culiseu é somente um afluente do Culuene.*

*A pesquisa mais detalhada desses rios, bem como dos ramos indígenas que vivem às suas margens, merece uma nova expedição. Após termos feito um planejado inicialmente, Dr. méd. Paul Einreich de Berlin, Wilhelm von den Steinen de Düsseldorf e eu mesmo, decidiu-se posteriormente ainda Dr. Karl von den Steinen a participar também e, assim, iniciamos uma viagem ao Brasil Central pelo final de janeiro de 1887, sobre a qual deve-se relatar a seguir. – Eu tive a tarefa de fazer as tomadas topográficas, as especificações astronômicas das regiões, bem como outras observações físicas. A Fundação Humboldt subsidiou os custos de viagem de Karl von den Steinen e a Fundação Karl Ritter disponibilizou-me o subsídio, pelo qual eu, de minha parte, nesse ponto expresseo o meu mais reconhecido agradecimento.*

*Quando nós chegamos ao Rio de Janeiro no final de fevereiro de 1887, descobrimos que o caminho para La Plata, o qual pretendíamos tomar para chegar à Província de Mato Grosso, estava completamente impedido devido à cólera que dominava aquela região. A quantidade da nossa bagagem e a limitação dos nossos meios não nos permitia a viagem por terra, que demoraria mais dois ou três meses nesse caso. Nós precisamos, assim, esperar até que o caminho fosse novamente aberto, o que parecia acontecer logo, uma vez que a epidemia já se apresentava em extinção.*

*Para preencher o nosso tempo de forma útil, viajamos com o Vapor Jaguarão para Desterro, a capital da Província de Santa Catarina, para pesquisar o Sambaqui, um depósito de conchas encontrado próximo à terra firme, que corresponde ao Kjökkenmoeddinger. A coleção que fizemos de artefatos de pedra, sedimentos e esqueletos foram enviados para o acervo do Museu de Berlin. Após isso ter sido providenciado, Wilhelm von den Steinen e eu fizemos um passeio pelas colônias alemãs de Santa Catarina, pelo que nós pudemos nos convencer completamente de que os nossos conterrâneos, aí assentados, tinham seu meio de vida de excelente qualidade.*

*Na metade de junho partiu finalmente um Vapor para La Plata. Deixamos Buenos Aires em 17 de junho com o Vapor brasileiro “Rio*

*Paraná”, pertencente à “Companhia Nacional”. Fomos recebidos calorosamente pelo Sr. Dr. Kemmerich em Santa Elena no dia 20. Ele mesmo nos presenteou com uma quantidade considerável de Extrato de Carne e “Pepton” e também comprometeu-se, além disso, a nos enviar posteriormente 20 kg de farinha de carne comprimida, que mais tarde nos foi de grande valia – o mais caloroso agradecimento. Após termos trocado o Vapor em Corrientes e em Corumbá, chegamos no dia 11 em Cuiabá, a capital de Mato Grosso.*

*Essa “Kapitale” situada a 15 ½ ° s. Br. possui cerca de 10.000 habitantes e, assim, não há ali qualquer Hotel ou coisa parecida. Os que vêm de fora são, por isso, conduzidos à hospitalidade dos gentis e extraordinários moradores, até que eles aluguem uma moradia e tenham engajado uma cozinheira negra para preparar-lhes as comidas regionais. À exceção de parte das pessoas, fomos tratados com maus olhos. Isso porque, acreditava-se que tínhamos chegado para explorar as, já há mais de 100 anos, tão prospectadas minas Martírio, onde o ouro se encontra à luz do sol nas maiores pepitas. Como, já dois meses antes, espalhou-se o boato de que nós iríamos a Cuiabá, um dos homens mais ricos de Cuiabá, de nome Rondon, providenciou uma expedição que, da mesma forma, se deslocou para a região do Xingu e cujo rastro nós cruzamos posteriormente.*

*Nós aceleramos nossos preparativos tanto quanto possível, o presidente da Província nos colocou à disposição um Oficial com quatro sub-Oficiais. O Oficial era nascido em Frankfurt, chamava-se Ludwig Perrot, que logo se mostrou um companheiro de viagem confiável e gentil. Por nossa conta engajamos mais quatro pessoas; um deles, o velho Januário, fora antigamente Sargento da Cavalaria e estava aposentado como Lugar-Tenente. Os outros dois, Carlos e Pedro Dhein, eram filhos de um colono alemão do Rio Grande do Sul, que já há 5 anos estavam em Mato Grosso a serviço das Coletâneas Americanas de Animais Herbert Smith e eram familiarizados com as condições locais. O quarto era o Mulato Manuel, com aproximadamente 16 anos de idade, que, devido à simplicidade do nosso cardápio, funcionava como cozinheiro, apesar da falta de preparo nessa especialidade.*

*Nossa bagagem de maior volume foi transportada por mulas, a qual, fora os instrumentos e alimentos para algumas semanas, consistia de artefatos de metal, os quais deveriam servir como objeto de troca para trânsito com os índios. Em 28 de julho de 1887 partimos de Cuiabá e chegamos de volta em 31 de dezembro.*

*Pelo fato de que Karl von den Steinen publicará uma obra completa sobre as experiências vivenciadas nessa viagem, eu reportarei somente as anotações mais essenciais para a descrição do terreno. Após uma pausa, muito necessária para revigoramento, de um mês e meio em Cuiabá, eu fiz sozinho com o riograndense Pedro uma excursão de oito dias pela Chapada. Em 13 de março de 1888 iniciamos uma viagem para a Colônia Bororo, às margens do São Lourenço, onde se passou a maior parte da minha viagem. Eu mesmo procurei inaugurar, juntamente com o Diretor da Colônia Militar do São Lourenço, Capitão Serejo, um posto militar às margens da estrada de Coxim para Santana de Paranaíba, passando pelo caminho até o Baú, sobre a Serra de São Jerônimo. Dessa viagem, sobre a qual eu narrarei na segunda parte, cheguei de volta a Cuiabá em 28 de maio, pois meus companheiros de viagem já haviam partido. Os Srs. von den Steinen voltaram com o Vapor de Maio e o Dr. Ehrenreich seguiu em viagem para Goiás, para de lá partir pelo Araguaia.*

*Eu parti com o Vapor de Junho a La Plata, visitei durante várias semanas os assentamentos alemães no Rio Grande do Sul e, então, viajei com o Vapor Ohio do Rio de Janeiro a Bremen, onde aportei aos 2 de setembro de 1888.*

*Talvez fosse oportuno fazer inicialmente algumas observações gerais sobre a maneira e condições de como nós viajamos.*

*O terreno, sobre o qual marchamos, de maneira geral, é uma paisagem com colinas, mais ou menos comparável à região francesa de Keuper. Imagine-se no lugar de floresta e campos de cereais, pomares de frutas selvagens com árvores atrofiadas, entre as quais cresce capim alto e, assim, se tem um quadro da aparência de toda a região. Pela manhã, ao raiar do dia, é dado o sinal para levantar. Algumas pessoas partem para procurar os animais de carga que são deixados soltos para andarem a noite, de forma*

que possam escolher livremente seu pasto. O cozinheiro leva o feijão ao fogo, que já fora cozido por algum tempo na noite anterior e prepara o Mate<sup>2</sup>. Nós recolhemos nossas redes e mosquiteiros, empacotamos nossas coisas e ainda aproveitamos o tempo livre para escrever algumas anotações no diário. Com isso já são talvez umas 7 hs., algumas vezes muito mais tarde, até que os animais de carga são recapturados. Eles são selados e carregados. E então o cozinheiro prepara o almoço. Ele estende uma das peles de boi, com a qual as cargas das mulas eram cobertas, sobre o chão e coloca a panela de feijão e os pratos de lata (folha). Nós nos sentamos ao redor dessa “mesa”, cada um tira para si uma cuia cheia de feijão e recebe também uma porção de carne seca e um pedaço de toucinho [defumado] (os últimos dois artigos infelizmente acabaram logo). Tão logo a refeição termina, partimos. À frente vão Karl e Wilhelm von den Steinen com um outro homem, munidos de grandes facas de caça afiadas e facões para abrir o caminho onde o crescimento das árvores é mais denso. Onde era mais fraco, o mesmo era marcado para que os que viessem a seguir pudessem encontrá-lo. As mulas muito carregadas seguem a Madrinha, uma mula velha com um guizo adequado para um garanhão, e são tocadas aos gritos nada educados dos homens. Perrot e Januário vão montados e recolhem por toda parte a carga que se abriu ou que algum animal deixou cair. Eu registro o caminho com bússola e barômetro. Ehrenreich está equipado com o seu aparelho fotográfico.

Nós procuramos acampar às margens das águas, sempre que a direção seguida no-lo permitisse. De tempo em tempo, tínhamos à vista uma fileira de palmeiras Buriti, o que significava que nos encontrávamos próximos a uma nascente.

Um vale estreito coberto com uma forração fresca de grama corta o platô. A partir da sua extremidade superior surgem os Buritis (*Mauritia flexuosa*, uma das espécies de palmeiras mais bonitas e altas) até onde a água infiltrada no solo pantanoso brota suficientemente forte para formar um riachinho. A partir daí, esse acompanha uma linha de mata virgem, na qual as espécies de

---

<sup>2</sup> É um chá paraguaio preparado das folhas da *Ilex paraguayensis*.

palmeiras surgem uma aqui outra acolá. Inumeráveis são essas pequenas nascentes que os brasileiros chamam de Cabeceiras. Elas garantem verdadeiramente paisagens deslumbrantes num sertão que, caso contrário, seria tão monótono. Também apreciamos as volumosas correntezas de água que, apesar de apresentarem uma temperatura média de 24 °C, consistem em uma bebida refrescante e saudável. Infelizmente, às vezes, a travessia das Cabeceiras apresentava dificuldades. Isso acontece quando nós precisamos escalar um vale para atravessar um rio. No talude do vale as árvores não crescem. Nós temos primeiramente um campo para atravessar e chegamos então a uma mata virgem que se estende ao longo do rio. Geralmente o campo é tão pantanoso, que é preciso procurar durante muito tempo um local onde as pequenas mulas não afundem. Assim, é preciso abrir uma Picada na mata até um lugar, onde os animais possam subir sem muito esforço. Se o rio for muito fundo, as pessoas precisam levar sobre a cabeça a carga, para que essa não se molhe. Onde isso também não é possível, os animais são descarregados e atravessam a nado, enquanto a carga é transportada para o outro lado com auxílio de uma pele de boi ("Pelote"). O processo consiste do seguinte: a borda de uma pele de boi bem seca e forte é dobrada uns 30-40 cm, de maneira que se forma um cesto liso e aberto na parte superior, com aproximadamente 1,3 m de comprimento e largura, no qual um laço é amarrado. Esse cesto é colocado sobre a água e pode conduzir uma carga da ordem de 100 kg. Um homem prende o laço entre os dentes e, nadando, puxa o conjunto até a outra margem. Nós mesmos atravessamos a nado. Quem não sabe nadar, é da mesma forma conduzido na Pelote para a outra margem. Toda essa manipulação levava muito tempo e sempre se devia ficar feliz quando se conseguia em um dia contornar esses empecilhos. Quando isso se dava, marchava-se diariamente pelo menos oito horas. Em vista disso, raramente se percorria mais do que 25 km. A temperatura à sombra, nos meses de agosto e setembro entre 12 e 14 hs, era mais ou menos 36 até 38 °C e, à noite, nos campos, caía para 12 °C. Como o ar é extremamente seco (a umidade relativa não raramente é de 30 a 40 %), sente-se muita sede e consegue-se tolerar o calor relativamente bem, devido a pouca transpiração. O céu é em geral pouco nublado durante o tempo seco. Entretanto, avistar ao longe é muito ruim, porque por toda parte o campo seco sofre queimada. Nós mesmos também ateávamos fogo no capim seco, tão logo atravessávamos um curso de água, para que os animais tivessem pasto fresco

*no retorno. O fogo se propaga com o soprar do vento, de forma que às vezes podemos ver atrás de nós campos negros pela queimada de várias milhas quadradas. As árvores do campo, com suas folhas que parecem couro e casca espessa, guardadas as devidas proporções, são preparadas para isso. O que para nós destruiria sem salvação uma floresta, ali não causa muito estrago. Já algumas semanas depois, as folhas esturricadas são substituídas por folhas frescas e uns 8 dias após a queimada, as mulas encontram um pasto repleto de grama nova. Chegando pelas 3 ou 4 horas a uma corrente de água, onde parece haver pasto suficiente, monta-se acampamento. Os animais são descarregados. O cozinheiro procura lenha seca e leva o feijão ao fogo. Havendo ainda carne disponível, faze-se rapidamente um espeto grelhado, pois se precisa de 2 horas para que o feijão cozinhe e amoleça completamente. Cada um de nós procura para si duas árvores em distância adequada, abre espaço entre elas com a foice e pendura a rede e o mosqueteiro. Tão logo tenhamos concluído isso, enfiamo-nos por debaixo para, protegidos das picadas dos pequenos insetos e do incômodo das inumeráveis abelhas sem ferrão, para fazer anotações ou contas. Após a refeição, que nunca termina antes das 20 hs, fumamos durante algum tempo e nos entregamos ao descanso; os cães são os únicos vigias. No sertão vazio de gente não há que se temer qualquer perigo.*

*P.S.: no início da página 249 está escrito que as medidas indicadas entre [] são relativas e se referem ao terreno da Matriz de Cuiabá como marco zero; o qual se encontra 219 m acima do nível do mar.*

## *II. Viagem de Cuiabá até o São Lourenço*

*Dos habitantes nativos do Mato Grosso, somente os Bororos apresentam um perigo aos brasileiros. A região na qual vivem estende-se da divisa entre os rios Cuiabá e Amazonas até o Miranda, e do meridiano de Cuiabá até o Araguaia, pelo leste. É difícil estimar seu número; devem ser em torno de 5000 cabeças. Sem uma região fixa para morar, nenhum conhecimento*

*de agricultura e pecuária, saquearam por muitos anos as povoações localizadas na região e mataram os moradores sem distinção da idade e do sexo. O governo brasileiro fundou uma série de colônias militares para a segurança dos moradores, porém sem sucesso, uma vez que os grupos de homens não eram fortes o suficiente para perseguir o inimigo na floresta tropical na margem do São Lourenço e nas encostas da Serra de São Jerônimo, para onde esse sempre recuava. Somente no ano de 1885 foi mandada uma tropa mais forte, sob o comando do Tenente Duarte, para atacar os índios em seus esconderijos. Após uma longa marcha, subindo o São Lourenço, deu certo de capturar uma boa quantia deles. Duarte dispensou-os através de caros presentes e, como consequência desse ato, aconteceu que deixassem seus costumes de lado, se convertessem e se assentassem acima da antiga colônia militar de São Lourenço; a fundação teve o nome de “Colônia Teresa Cristina” e foi durante a nossa presença no Mato Grosso a “criança problema” da Província, pois, apesar dos muitos custos que nos trouxe (em um ano e meio, cerca de \$300000DM), ainda havia dúvidas quanto à sua existência. Em todo o caso, deu-nos a oportunidade de conhecermos os índios nativos altamente interessantes e assim decidimos viajar até o São Lourenço após a nossa viagem até Cuiabá para conhecer os Xingú.*

*Nós usamos quatro das mulas, para realizarmos a viagem montados; as restantes foram usadas para carregar artigos de troca e alimentos, guiadas por Carlos, Pedro e Antonio. Na tarde de 13 de Março de 1888 partimos de Cuiabá, alcançamos em quase 45 minutos a igreja da vila Coxipó, no Coxipó Mirim, passamos por último sobre uma enorme ponte de madeira e pernoitamos em uma casa de campo. No dia 14 deu-se de finalmente partimos, às 11h48min, e chegamos pelo caminho muito utilizado a sudeste até o acampamento Kagado a 3p5. No dia 15 de Março alcançamos após 2 horas de marcha o rio Aricá Açu, que possui 19 m de largura, sobre o qual há uma ponte de madeira de 25 m. Após mais 3 h chegamos até o Aricá Mirim, onde se encontram alguns assentamentos, e acabamos por dormir em um rancho aberto ( $f = 15^{\circ}45,5'$ ,  $l = 1m17s$  leste de Cuiabá, 16 m abaixo da Matriz de Cuiabá). A paisagem de Coxipó até aqui é plana com base de ardósia e pouco estendida sobre o espelho do Rio Cuiabá; a parede da Serra de São Jerônimo fica quase sempre à vista. Do outro lado do Aricá Mirim (que possui 12m de largura), sobre o qual também há uma ponte de madeira,*



*encontra-se um pântano de 2,3 km de diâmetro que, naquela época, estava tão cheio a ponto de os animais que por ali passavam tinham a água batendo na altura da barriga. Do outro lado do mesmo estende-se um buritisa, no qual avistei o único avestruz encontrado no Mato Grosso. Até naquele campo quase deserto de homens encontrava-se poucos animais silvestres; entre Cuiabá e São Lourenço encontramos, além do avestruz, apenas algumas galinhas selvagens.*

*Dali em diante, destacava-se uma pequena cordilheira com morros de aprox. 80-100m, que se prolongavam pela serra a sul-sudoeste. Nós os atravessamos no dia 16 de março, após ter deixado o acampamento às 10 hs, e cerca de meio-dia a uma hora chegamos à encruzilhada, onde o caminho se dividia. A ramificação à direita levava em direção sudeste, deixando a serra sempre ao norte após a Fazenda Palmeiras; o caminho à esquerda passa por arenitos pelo leste e se torna cada vez mais íngreme conforme se chega mais perto da Serra. Nós escolhemos o último caminho e alcançamos após 2hrs de caminhada a vila Sucuruí ( $f = 15^{\circ}50'$  [de acordo com o itinerário],  $l = 1m49s$  leste de Cuiabá, + 27 acima da Matriz de Cuiabá), com 4 casas tendo folhas de palmeiras como telhado.*

*No dia 17 de março partimos de Sucuruí às 7h45; o caminho corria por um vale de 250 a 400 metros de largura até chegar a um riacho. Os morros da divisa eram constituídos por grãos de quartzo grosseiros e rudimentares contidos em arenitos, que afloram também no vale em formas levemente abobadadas. Às 10h30 iniciamos uma subida íngreme; o caminho subia por dois vales e perdíamos o fôlego com a altura já alcançada; nós fizemos uma pausa de uma hora e atingimos o cume [503 m] às 13h07, de onde tivemos uma bela vista. Lá, tem uma solitária e enorme pedra preta, da mesma natureza daquelas encontradas pelo caminho em Taquaraçu. Logo abriu-se um vale para o norte, por onde corriam inúmeros riachos; os mesmos deviam ser os riachos da nascente do São Lourenço. Após atravessarmos alguns deles, alcançamos a Fazenda João, conhecida também por Tapera [463m]. Devido ao mau tempo, não consegui fazer observação astronômica alguma. Os morros vizinhos são mais arredondados, diferentes daqueles mais ao norte, perto da Chapada de Santa Anna. Os arenitos pareciam ter sido colocados eretos e fortemente e se estendiam do sul para o leste.*

No dia 18 de março, deixamos a Fazenda São João às 7h50, contornamos pelo norte o barranco do riacho do Cupim e chegamos após uma caminhada de uma hora e 3/4 até o solitário cemitério de São José [609 m] e após mais 30 minutos, em São José em si, uma outrora importante fazenda pertencente à Fazenda Palmeiras [555 m]. Ela se encontra em um campo aberto, com plantações e cupinzeiros, uma região muito fácil de ser percebida pelos índios. O riacho São José, bem denso perto da fazenda, corre ao sul e desemboca no Rio Raimundo, que encontramos após mais uma hora de caminhada [518 m]. Pelo motivo de a ponte que cruza o riacho de 4 m de largura estar quebrada, tivemos que caminhar por mais uma hora inteira para cruzá-lo.

Dali em diante, a altitude fica novamente cada vez maior; a “rua” na qual se podem passar carroças corre paralelamente a uma linha d’água. Ao oeste, o horizonte se funde com a região alagada do vale de Cuiabá; ao leste temos uma outra vasta vista da região de São Lourenço; no horizonte, distinguem-se também ao nordeste alguns pontos de regiões mais altas que a nossa. O solo é constituído em partes por areia, partes por argila, mas a maior parte é puro campo sem árvores, com alguns arbustos crescendo; exceto a mata ciliar nativa que cresce nas margens dos riachos.

Depois de duas horas e meia chegamos ao acampamento pitoresco da Serrinha [598 m]. O mesmo se encontra perto de uma fonte localizada entre arenitos brancos em forma de pequenos grãos, dispostos horizontalmente, da mesma qualidade daqueles em Taquarassu. Em 19 de março passamos pelo acampamento Olhos d’Água [569 m], Jasmin [551 m] e alcançamos debaixo de uma chuva torrencial, após uma caminhada de 5h45, o acampamento Prata, às margens de um riacho de 5m de largura com o mesmo nome [492 m]. (por volta de 15h5m Lt = +29,1, At = +22,8.) Do lado oposto ao Prata, o terreno sobe até atingir 570 m, para depois ir declinando lentamente. Os fios d’água, passando pelos acampamentos José Demétrio [450 m], Belisário [386 m], Formoso e Veados [310 m], correm do leste para São Lourenço, em sentido contrário ao do riacho Madeira [253m], o qual alcançamos após 5h45 de caminhada aos 20 de março, que se dirige para o noroeste e deve provavelmente escoar-se pelo Campos do Mimoso. No seu leito, vemos finos arenitos brancos. No dia 21 de março chegamos, após

*uma caminhada de duas horas, até a confortável descida de 250 m ao vale de São Lourenço e com mais 45 minutos, alcançamos o riacho Coroadó [71 m]. Quatro quilômetros a frente, divide-se o caminho, sendo que à esquerda o caminho leva a leste-nordeste até a Colônia Teresa Cristina, à direita a leste-sudeste chega-se à Colônia Militar. Nós alcançamos essa última às 14h15, após 6 horas e meia de caminhada a partir do acampamento Madeira e fomos recebidos de maneira acolhedora pelo comandante. Devido ao fato de esse lugar servir como ponto de apoio para pesquisas geográficas do percurso do Rio São Lourenço, principalmente pela região da Serra do São Jerônimo e pela região de Santa Anna do Parnaíba, farei a seguir algumas observações mais detalhadas do local.*

## *O São Lourenço e as Colônias*

*O Rio São Lourenço até hoje não foi totalmente mapeado; somente sua metade inferior, a partir da Colônia Bororo, é mais conhecida e explorada. Eu o desenhei a de acordo com o mapa de Pimenta Bueno, tomado do trecho entre a Colônia Bororo e a Colônia Militar. Seu maior desvio ao sul, o qual eu tinha visto no mapa de Stieler, está totalmente errado. Suas nascentes ficam no platô entre 54°20' e 55°30' ao leste e ao sul de 15 ½ ° Br.*

*Melgaço disse: “O São Lourenço surge a 20 léguas leste-nordeste de Cuiabá, flui sul-sudeste e leste-sudeste e se unifica após 16 léguas além pela margem esquerda com o chamado Rio Parnaíba, que vem do norte-noroeste. Depois de um curso de mais 8-10 léguas a leste-sudeste e em direção ao sul, este se junta com o Riacho Água Branca, que surge a sua esquerda, no qual já havia se desembocado o Riacho Vertentes Grandes e muitos outros, menos importantes. Após esta última foz citada dos rios, o São Lourenço não tem mais correntezas, permitindo nele a navegação com canoas.”*

*Na Colônia Teresa Cristina dos Bororos, recebi de um oficial a seguinte informação, referente àquele trecho do rio: da colônia até a foz do Parnaíba são três léguas, até o desembocar do Água Branca são duas, e dali até o Rio Floriano mais duas, até o Rio Vermelho, dez léguas. Os Bororos me deram os seguintes nomes: São Lourenço = Bogúba; Parnaíba = Dschurígi; Água Branca*

= Botscherëu; Rio Vermelho = Dadarimana; Rio Floriano = Kogeau. Esses nomes não são consensuais entre os melgaços. O Riacho Prata desemboca próximo à Colônia Teresa Cristina; dali em diante as indicações dos melgaços são incertas. O Parnaíba deveria ser a foz do riacho próximo ao acampamento Morcego. O Água Branca tem o mesmo nome do riozinho que corre paralelo às estradas para Goiás. As nascentes do Rio São Lourenço devem se localizar ao norte do caminho de Sucuri até as Fazendas João (Tapera) e São José. Os Rios Floriano e Vermelho só podem ser afluentes vindos do leste do Rio Água Branca. O rio que atravessei, não tão distante da Colônia Militar e que corria para o norte, o qual denominei Rio São Rafael, pareceu ser desconhecido aos oficiais; os Bororo o chamavam de Natscheau. De acordo com Lacerda, o Rio Cuiabá desemboca no Rio São Lourenço a 17°49'43" e 0°15'15" a oeste de Cuiabá. Dali até o encontro com o Rio Paraguai, o São Lourenço é muito utilizado como meio de transporte. De seus afluentes pela margem esquerda, o mais importante é, sem dúvida, o Itiquira que, muitas vezes é também conhecido como Piquiri, pelo seu trajeto rumo ao sul. O Itiquira surge da Serra de São Jerônimo, a qual e por outros riosinhos adjacentes eu atravessei, e desemboca a 45-55 km em linha reta acima da foz do Rio Cuiabá. O seu afluente na margem direita, não muito longe da margem da Serra, é o Rio do Peixe de Couro. Meia légua adiante da sua foz, onde sua largura é de aproximadamente 10 m, encontra-se um pequeno vilarejo no qual moram umas doze famílias, na margem esquerda do rio. O Rio Piquiri, junto com o Rio Corrente, desemboca na margem esquerda; pequenos navios a vapor sobem o Piquiri até 40 km a partir da junção com o Rio Corrente. Quase toda a região entre o São Lourenço e o Taquari (que corre ao sul do Piquiri) é baixa e por isso é inundada anualmente. Isso tornava possível aos paulistas, que vinham até o Mato Grosso na procura por escravos, ir do Taquari até o São Lourenço com o auxílio de canoas, sem precisar atravessar pelo Paraguai. Por esta razão, o caminho de Cuiabá até Coxim é também inutilizável na época das cheias – uma situação pela qual eu passaria mais tarde, durante a viagem pela Serra de São Jerônimo.

Das colônias do São Lourenço, a mais importante é a “Colônia militar de São Lourenço”. Ela foi fundada em 1877 pelo Major Lopez e não devia, como todas as outras colônias, servir apenas como proteção contra os índios, mas também como núcleo de apoio a produções agrícolas. Os coman-

dantes eram trocados bem frequentemente, se comparados com os presidentes da província. Esse posto era muito bem cotado por ser altamente lucrativo, uma vez que uma de suas funções era obter alimentos e pinga e, portanto, muito dinheiro corria em seus bolsos. Na época da nossa visita, quem estava no comando era o capitão Francisco Marcus Tury Serejo, um oficial sempre preocupado com o bem-estar da colônia. Havia 16 soldados a seu dispor. Três dias por semana eles tinham tarefas na agricultura da colônia para cumprir, enquanto que os outros três dias da semana eram reservados a eles para resolverem assuntos privados. Infelizmente eles faziam pouco uso desse privilégio, ficavam apenas vagabundeando, porquanto tinham feito nos primeiros três dias um mínimo esforço para cumprir todas as tarefas a eles designadas. Devido a isto e pelo fato de os Bororos saquearem as plantações, apesar da presença dos soldados, torna-se evidente que a Colônia não conseguiu produzir a quantia necessária de alimentos para o seu sustento. Os soldados são, com exceção de raríssimas pessoas, uma sociedade peculiar. O fato de não haver rigidez na exigência do uso de uniforme pelos soldados da tropa, é compreensível e até razoável; contudo, chamounos a atenção que estes andavam o tempo todo usando suas vestimentas mais sujas e esfarrapadas, até quando em serviço [militar]. Eu quase não consegui conter o riso, quando o Capitão Serejo nos levou até a “caserna”. Dois dos soldados ali prostrados estavam usando armas bem rudimentares; um deles estava sem chapéu e de pantufas, o outro com chapéu de palha e descalço. O primeiro olhava para frente, o segundo virava o rosto para cima e para a esquerda: verdadeiramente, essa tropa, com esse tipo de missão, deveria ser completamente diferente. Os soldados tinham mulheres, geralmente ilegítimas, quase sempre vindas do Paraguai. Pelo que eu pude perceber, as crianças recebem boas aulas de escola de alguns cadetes designados e treinados por um dos dois comandantes. O total de moradores na colônia, no ano de 1888, era de 98 pessoas (no ano anterior era 150). A casa do diretor ( $f = 16^{\circ}32'35''$ ,  $l = 3m59s$  leste de Cuiabá, [21 m]) fica a cerca de 20 m da margem direita do Rio São Lourenço, 4 m acima do nível de água. O rio tem, naquela altura, uma largura de 127 m e uma profundidade de 2 a 3m. A velocidade na superfície da água era, no dia 6 de abril de 1888, ou seja, perto do fim da época das chuvas, 1,2 m por segundo, à temperatura de 24,8 °C. Perto da colônia desemboca o Riacho Coroado, de

7 m de largura. As 30 casas de taipa são cobertas por telhas. Cada soldado “casado” tem sua própria casinha e, além disso, há uma “caserna” e uma igreja. Mesmo assim, essa não teve qualquer ofício espiritual nos últimos tempos. Em todo o território do Mato Grosso, ao leste do Meridiano de Cuiabá e ao norte do Taquari, exceto na Santa Anna da Chapada, onde há a visita uma vez por ano, não há um religioso para exercer suas funções. As pessoas do campo se dizem bons católicos, mas não precisam de um padre para um batismo ou um enterro; apenas para casamento eles precisam viajar até a uma cidade, Cuiabá, Corumbá etc, por isso o luxo de um enlace oficial é reservado a apenas alguns poucos. A igreja parece não ter nada contra tal situação, pois seus membros vivem, quase sem exceção e abertamente, em concubinato. Seus filhos são, em sua maioria, posteriormente legitimados. Pela lei brasileira, os filhos legitimados de católicos têm o direito, assim como os filhos de oficiais e de grandes comerciantes, a entrarem para o exército como segundo cadete.

No dia 22 de março cavalgamos até a já citada Colônia Bororo Teresa Cristina, a 15km de distância, a qual era, de fato, o nosso destino. O caminho seguia continuamente pela floresta de São Lourenço, contornando a região das enchentes, sobre pontes dos riachos Coronado (6 m de largura) e Meia Noite (3 m de largura), também pelo vau sobre o Coqueiro (8 m de largura). Fomos recebidos amigavelmente pelos senhores da colônia, que na época era comandada pelo Cadete Eliseu, e acomodados no prédio da escola. As suas coordenadas são  $f = 16^{\circ}27'38''$ ,  $l = 4m8s$  leste de Cuiabá, [25 m]), Ali, o Rio São Lourenço é 6 m mais profundo.

Os oficiais e os soldados, além de alguns índios mais distintos, habitam em casas feitas de taipa e com telhados de folhas de palmeiras. A maioria dos índios mora em cabanas feitas de folhas de palmeira, cujo pé direito não possui nem 1,8 m de altura, e sua fachada é fechada com esteiras. Na colônia havia, à época de nossa visita aos brasileiros, três cadetes, um farmacêutico, um fornecedor, bem como cinquenta soldados. O número de Bororos presentes era dado como 400, mas eu creio que não havia mais que 150 ali. Eram geralmente figuras grandes e fortes, com cabelos até os ombros e lábio inferior furado, no qual era pendurado um colar liso, o que causava uma impressão de serem inimigos perigosos. Eles são nômades, não cultivam a agricultura

*nem se utilizam da canoa. Naquela época, viviam sob um regime suave; eles recebiam milho, mandioca e rapadura, assim como semanalmente um pouco de carne fresca; além do mais os chefes tinham também algumas garrafas de bebida alcoólica à disposição, o que fazia com que sempre estivessem de bom humor. Felizmente, os demais homens quase não bebiam rum; em vez disso, ficavam caçando por semanas a fio, assim como é o costume desses índios, enquanto que as mulheres coletavam cocos e frutas na floresta e as levavam de jangada para a aldeia. Apesar de, na época, já viverem há vários anos sob a influência da catequese que os 50 soldados impuseram e vários deles já terem sido batizados em Cuiabá, ainda conservavam seus costumes e ofereciam oportunidade aos nossos etnólogos para os mais interessantes estudos. Eu fiquei ali até o dia 5 de abril e retornei à Colônia Militar, para dali continuar a minha viagem, que relatarei a seguir.*

## *Viagem do São Lourenço até o Taquari*

*A cidade localizada na fronteira oeste de Mato Grosso, chamada Santa'Anna do Paranaíba possui uma conexão muito desfavorável com a capital da província; pois o caminho leva do Rio Taquari até o Rio São Lourenço, passando pelas regiões alagadas desse rio e de seus afluentes, e por isso é, na maior parte do ano, inutilizável. Por isso já foram várias as tentativas de criar um caminho alternativo pela Serra de São Jerônimo. Um ponto sempre usado durante essas tentativas é o Baú, algumas pedras perto do curso d'água entre a bacia do Paraguai (Taquari) e do Paraná (Paranaíba), no qual havia à época um posto militar ocupado, perto de Coxim. O caminho de Sant'Anna do Paranaíba até as pedras do Baú é bem utilizável; o assunto em questão a partir daí seria, se o caminho continuaria do platô até a colônia militar de São Lourenço, ou se conduziria a partir do posto militar à estrada de Cuiabá até Goiás. Ao capitão Lassance foi incumbida a tarefa, nos anos 40, de resolver o último problema; a partir de um ponto situado a 50 km ao leste do Baú, ele e mais um número de soldados marcharam a pé, sob extremas dificuldades, até a Ponte da Pedra; porém tal caminho ("picada") nunca mais foi utilizado e não é mais possível de ser encontrado.*



No ano de 1879 assumiu o Superior Pimenta Bueno, da *Geograph Brasiliens*, a mando do Ministério da Agricultura, a incumbência de abrir um caminho pela Colônia Militar de São Lourenço. Infelizmente não pude conseguir um exemplar do seu relato, contendo um mapinha em escala 1:6000000, do qual fiquei sabendo em Cuiabá. O mesmo era intitulado: “Memória justificativa dos trabalhos em que foi encarregado à Província de Mato Grosso seguindo as instruções do Ministério da Agricultura de 27 de maio de 1879 Francisco Antonio Pimenta Bueno (Rio de Janeiro, Typographia nacional 1880)”. O autor descrevia ali, como ele e mais 25 soldados, junto com mulas e jumentos para carregar a bagagem, partiram da Colônia Militar, chegaram com muito esforço até ao Piquiri, porém foram obrigados a retornar, pois haviam perdido a maioria de seus animais de carga e lhes faltavam alimentos. Ele não fez observações astronômicas nem citou as altitudes; em contrapartida ele dá as distâncias em quilômetros exatamente, com até 3 casas decimais. Contudo, dá para notar que seus valores foram obtidos através da conversão da medida em léguas para quilômetro, com a proporção 1 légua = 6,6 km. No mapa, a localização da Colônia Militar está com um erro de meio grau a oeste. Ele também alegava ter chegado à Serra do Piquiri. Na minha volta ao Rio, discuti o assunto com ele. Ele me apresentou o seu itinerário muito claramente desenhado e pude provar facilmente que havia um erro de traçado na linha entre Cuiabá e a Colônia Militar, como eu supunha. Ele se mostrou muito surpreso e culpou seu subordinado de ter cometido o erro de indicar erroneamente a Colônia Militar no mapa. Também em seu grande mapa da província, em escala 1:1700000, consta o mesmo erro. Em relação ao Piquiri não tivemos nenhum acordo. A rota de Pimenta Bueno se localizava muito a oeste em relação à minha; eu acredito que ele considerou o Rio Corrente como parte do Piquiri.

Desde a fracassada expedição de Pimenta Bueno, não foram mais realizadas outras tentativas para a abertura da rota pretendida. Na minha opinião, as tentativas anteriores foram frustradas pois havia uma grande responsabilidade sobre os chefes de expedição em explorar um território selvagem na serra despovoada, o que trazia enormes dificuldades. Eu combinei com o Diretor Capitão Serejo de, logo após a minha chegada ao São Lourenço, realizarmos uma nova tentativa. Devido à escassez de alimentos,



*a partida foi adiada para o dia 7 de abril. A paciência que tive que suportar até que finalmente tudo estivesse pronto, só pode ser entendida por aqueles que são familiarizados com a [expressão] brasileira “paciência!”. O Capitão Serejo, que se interessava pessoalmente pelo assunto, pôs à disposição os melhores animais e alimentos necessários. Uma modesta quantia que lhe mandei após a minha volta a Cuiabá provavelmente não lhe foi entregue; sinto-me nesse momento na obrigação de novamente expressar-lhe a minha maior gratidão pelos generosos meios fornecidos para a viagem.*

*Nós levamos conosco apenas dois homens; o suboficial negro Manuel Luiz Macao, um gigante em sua altura, que graças à sua utilidade e confiança seria uma honra para qualquer tropa, e o “camarada” Eloy, um negro que na época ainda era escravo e foi emprestado pelo seu senhor ao Capitão Serejo. Todos nós estávamos montados e ainda tínhamos três mulas para transportar a carga; um deles carregava uma mala com instrumentos e um saco contendo arroz, o segundo levava farinha e milho (esse último como alimento aos animais), e o terceiro, carne seca. Serejo empacotou na mala de instrumentos uma máquina de café e duas xícaras – um luxo que posteriormente achamos muito confortável.*

*No dia 7 de abril partimos e alcançamos a margem esquerda às 11h20, após termos atravessado o Rio São Lourenço de canoa e os animais a nado; nós cruzamos em seguida os 4,3 km de mata virgem e 1,7 km de um largo pântano onde os animais afundaram até a barriga, e cavalgamos então até o “Retiro” da colônia, onde uma vaca havia sido sacrificada para garantir o nosso suprimento de carne seca. Como nossos animais fugiram durante a noite, só pudemos seguir viagem às 11h30 do dia 8. Nós cavalgamos 4 km de volta e pegamos um atalho dos índios, até alcançarmos às 14h30, a 150 m acima do pé do vale. Assim tínhamos deixado para trás o pedaço mais íngreme da subida da serra. Não seria nenhum problema abrir uma estrada no alto daquele trecho. A ordem de marcha da viagem inteira foi: eu cavalgava à frente, onde a floresta não era tão densa, seguiam-me Serejo e Macao, atrás os animais de carga, que eram guiados pelo Eloy. Nos trechos onde não se era possível cavalgar, geralmente o Macao ia à frente a pé, cortando o mato com um facão chamado “rabo de raposa” (uma espécie de foicinha comprida). Em todo o lugar, o caminho era marcado de tal maneira que era*

*fácil de retornar. Nós tomamos a direção sudoeste, passando por uma floresta de arbustos extremamente densa; o terreno era inteiramente arborizado de ambos os lados; à esquerda era possível avistar um rio que corria pelo vale e eu o denominei posteriormente Rio de São Rafael, em homenagem ao então presidente da província de Mato Grosso, Dr. Francisco Rafael de Mello Rego, como era costume na região.*

*No dia 8 de abril acampamos ao lado de um ribeirão correndo a oeste (Cabeceira de Macao,  $f = 16^{\circ}33,7$  [239 m]). Aos 9 de abril demoramos até as 9 hs para reunir novamente todos os animais e poder partir. Após atravessar alguns buritisais e ficarmos sem encontrar água até as 17h00, fomos à direção noroeste até encontrarmos uma fonte em uma baixada, e lá nós acampamos e pernoitamos ( $f = 16^{\circ}43,2'$  [241 m],  $d = 26,5$  km). No dia 10 cavaleguei junto com Serejo pelo percurso da nascente, até esta desembocar no Rio São Rafael, de 9 m de largura, e então voltamos à nossa picada. Destinado a seguir o curso d'água, fomos em direção sul; então, para a minha grande surpresa, após uma marcha de 20 km, nos deparamos com um vale de 10 m de largura onde fluía um rio com 2 m de profundidade, que nada mais era que novamente o São Rafael, no qual tinha estado algumas horas antes! Eu fiz uma tentativa de continuar a explorar o terreno mais a leste; porém a mata era tão densa que não pude avançar mais que 3 km com o cavalo. Um tronco de árvore antigo, no qual havia um furo feito com machado, provavelmente para procurar mel, era o primeiro e único indício que tivemos de índios na nossa viagem inteira até ao Taquari; porém foram aparecendo provas de campos de batalha [campos queimados], que comprovavam que os índios realmente viveram naquela região.*

*Ainda de tarde atravessamos o rio ( $f = 16^{\circ}50,'$  [225 m],  $d = 16,0$  km). A carga foi passada para o outro lado com a ajuda dos homens. Como o pasto da margem esquerda era melhor que o pasto denso da margem direita, deixamos os animais ali, por ora. Naturalmente os animais fugiram de novo, só que desta vez foram tão longe que o Eloy só voltou com eles às 9 hs do dia 11. Como aquela parte era um pouco íngreme, a travessia do rio com os animais devia ser feita de maneira cautelosa, pois havia muita correnteza. Cada animal foi amarrado no pescoço com uma corda e eles eram praticamente puxados por dois homens para entrarem na água. Às 11:30 hs finalmente pudemos*

partir, mas a floresta estava tão densa que era necessário abrir picada com o facão. Às 13 hs chegamos a um ribeirão (Cabeceira do Portão [250 m]), e no mato adiante também precisou ser aberta uma picada de 30 m para a nossa passagem, o que nos atrasou em uma hora. A grama estava com mais de um metro de altura, o que dificultava muito a marcha. Às 16h30 mudamos de direção e montamos acampamento perto de um riacho a noroeste (Acampamento Meteoro  $f = 16^{\circ}55,5'$  [284 m],  $d = 12,5$  km). No dia 12 de abril, por volta de 6h25, o capitão Serejo avistou a uma altura de cerca de  $30^{\circ}$  um meteoro, que apareceu a norte-noroeste e desapareceu a sul-sudoeste na mesma altura. Como os animais fugiram novamente para perto da fonte de água anterior, uma vez que não era possível a eles beberem no lugar do acampamento, só pudemos partir às 10h30 da manhã. Cavalgamos para o sul, desviando o caminho para sudoeste para seguir o riacho, cuja travessia nos custou duas horas, e depois contornando para sudeste, até que, às 16h30, alcançamos o lugar onde acamparíamos ( $f = 17^{\circ}1,8'$ ,  $d = 12$  km). Durante o dia, tivemos o “Feiglstock” [bastão] do aneróide danificado, e perdemos a porca com a qual o mecanismo era parafusado. Somente no dia 14 eu encontrei tempo de consertá-lo e de determinar novamente a correção com auxílio do “Hypsometer”. “Diariamente, ao amanhecer e ao entardecer, há tantas abelhas e pequenos insetos, mosquitos, que se escondem (desaparecem) quando queremos observá-los e só podemos segurá-los usando uma rede.”

No dia 13 saímos às 7h45 e chegamos às 9h32 a um riacho de 3 a 4m de largura, 1m de profundidade e com muita correnteza, o que nos custou novamente uma hora e meia para o atravessarmos com os animais. Novamente a mata era tão densa, que tivemos que abrir picada com o facão na mão, até chegarmos às 16h30 a uma outra nascente ( $f = 17^{\circ}5,6'$  [272 m],  $d = 15,5$  km), onde pernoitamos. No dia 14 partimos às 8 hs, cavalgamos por 1h30 na direção sul-sudeste, por onde precisamos abrir o caminho novamente, então chegamos a um rio de 12 m de largura e 50 cm de profundidade, o qual eu chamei de Rio do Carmo. Como a floresta era muito larga e pantanosa, cavalgamos com muita dificuldade pela beira do rio e logo após pela beira de outro riacho, até alcançarmos sua nascente ( $f = 17^{\circ}4,6'$  [325 m],  $d = 10,0$  km). Enquanto que, nos últimos dias, não tínhamos visto rochedo firme, ali havia pela primeira vez arenitos, de modo que foi fácil aos

*nossos animais achegarem-se até a água. “As calças de Eloy eram naquele momento apenas um farrapo, e eu tinha pena dele principalmente a noite, pois o seu corpo estava totalmente tomado por feridas.*

*15 de abril. Para evitar o atraso causado pela travessia de tantos rios, decidi seguir viagem em direção leste, evitando seguir as linhas de água. Cavalgamos um pouco a leste-noroeste, até que Serejo, que não via água há tempos, começou a ter sede por volta do meio-dia, e insistiu para voltarmos ao curso do rio e tentarmos atravessar por ali. A floresta era novamente muito pantanosa, com um rio de 14 m de largura e 1,4 m de profundidade, cuja travessia só ocorreria em último caso. Nós subimos mais no terreno, alcançando uma altitude de 398 m, quando de repente chegamos a um mirante, que nos possibilitou uma boa visão e, nesse ponto, nos proporcionou, decidir por continuarmos na direção leste. Era, como tinha discutido com o Sr. Pimenta Bueno, um “panorama esplendido”; a região da nascente do Rio do Carmo, uma chapada (cânion selvagem) com paredões de pedra de até 100 m de altura, que até então só era possível de ser avistado das gargantas do vale, que se encontram próximas da borda dos altos platôs. Como teríamos gasto vários dias para achar um lugar onde fosse possível passar com os animais, descemos novamente ao vale e decidimos procurar uma passagem perto do riacho ( $f = -17^{\circ}3',9$ ,  $d = 23,5$  km).*

*No dia 16 finalmente encontramos um ponto onde fosse possível atravessar; somente pelo lado sul era necessário [abrir] uma picada de 200 m e havia um caminho de pedregulhos. “Serejo estava um pouco mais animado; Macao acreditava que se não saíssemos de lá em dez dias, estaríamos perdidos. As pessoas sempre gostam de duvidar; ainda tínhamos arroz para mais uns vinte dias, carne e farinha para mais uns dez dias, de maneira que não tínhamos que temer a falta de comida. A situação com os animais era pior, já que todos estavam exaustos; além do mais, meu cavalo estava com profundas feridas causadas pela grama dura e alta, de um modo que não posso mais usar minhas esporas nem meu chicote, que não lhe produz nenhum efeito. Na noite passada, formigas gigantes (Carregadores) comeram meu chapéu, minha rede de mosquito e meu penúltimo par de meias. No acampamento há muitas abelhas e pequenos pernilongos, por isso fico debaixo da tenda apesar do calor de  $34^{\circ}\text{C}$ ”.*

No dia 17 atravessamos as cargas até o outro lado do rio, que tinha 1,5 m de profundidade (largura [287 m], temperatura da água às 9h7 + 23,2°). Após termos recarregado os animais na outra margem, foi preciso descarregá-los após 200 m de caminhada, pois a grama estava muito pantanosa e eles afundavam o tempo inteiro. Nós atravessamos um após o outro pelo pântano de 80 m de largura, usando os três pedaços de couro de boi que serviam geralmente para cobrir os nossos mantimentos. Às 11h15, nossos animais já estavam prontos para seguir viagem. Nós rumamos a sudeste, adentrando na floresta arbustos e logo estava tão densa que precisamos cortar o mato com o facão. Lá pelas 16 hs tínhamos esperança de conseguir atravessar a floresta antes de escurecer. Porém tivemos que desistir da idéia e levamos apenas 50 minutos para voltar um caminho que havia demorado três horas e meia para percorrermos para acabarmos acampando na beira do pântano. Para arrumar água aos animais, fizeram quatro buracos no chão (cacimba), que logo se encheram d'água (caminho bem feito 1,2 km). No dia 18 eu cavaleguei primeiro na frente, para ver se conseguiria encontrar um riacho ao sul. Como isso era possível, o grupo inteiro me seguiu em um caminho muito íngreme para cima [393 m], que apesar disso descemos em direção sudeste sem maiores dificuldades. Finalmente, a leste, encontramos um riacho de 1,5 m de largura, que nós atravessáramos 5 km acima. Nós pernoitamos perto de um outro riacho que desembocava nele ao sul ([375m] d = 14,5 km). “Macao reclamava ter distendido o braço, enquanto empacotava as suas coisas no dia anterior. Minha calma noturna foi logo perturbada por carregadores.”

No dia 19 partimos às 8h25, chegamos às 9h45 em um riacho de 1,5 m de largura a leste, sobre o qual havia uma ponte de 2 m de largura. Após sua travessia, foi necessário cortar mato para avançarmos uns 130 m. Em torno do meio-dia passamos pelo outro lado por um caminho de argila vermelha e chegamos após 45 minutos a um vale muito largo, com inúmeros riachos e nascentes nas íngremes encostas visíveis. A descida, que provavelmente seria menos íngreme ao leste, nos causou muitas dificuldades, já que tivemos que atravessar quatro riachos nos quais havia arenitos vermelhos muito lisos. Às 16h45 chegamos ao Rio Itiquira, que tem correntezas muito fortes ( $f = 17^{\circ}14,3'$  [277 m], d = 10,0 km). O Rio Itiquira é, agora, aquele que anteriormente eu

*chamava de Rio Corrente, assim como o Rio do Carmo era anteriormente o Itiquira. O único mapa que tinha à minha disposição àquela época era uma cópia de um mapinha de escala 1:6000000, o qual era incluído na “Memória Justificativa” de Pimenta Bueno. Nesta também estava descrita a trilha que Pimenta Bueno fez. Diz ele que atravessou o Rio Couro de Peixe, que não encontrei e que, pelo que me foi assegurado, não corre no planalto e sim “abaixo da Serra”; ao mesmo tempo, atravessei o Rio São Rafael, que Pimenta Bueno não conheceu. Deste modo concluí que a minha trilha corre mais ao leste em relação à trilha feita por Pimenta Bueno. Como a trilha feita pelo geógrafo brasileiro cortava o Itiquira abaixo de 16°50’, estabeleci que o rio que atravessamos e que eu tinha descrito como Rio do Carmo, abaixo de 17°4’, era o Itiquira. O rio a que chegamos no dia 19 de abril era, na verdade, o rio Corrente. Já se sabe de onde vem seu nome, ao observarmos a enorme correnteza que este rio possui. Logo após foi necessário identificar os rios que atravessamos nos dias 23 (ainda na Serra) e 29 (logo abaixo do primeiro) de abril, como Piquiri e Taquari, respectivamente. Porém, ao conversar com os moradores locais, fui informado de que o rio que atravessei no dia 29 era o Piquiri, portanto concluí que havia me equivocado e que o rio que atravessei no dia 18 não era o Itiquira e sim um de seus afluentes que precisava ser considerado. Eu creio que Pimenta Bueno se enganou da mesma maneira, já que dizia que havia encontrado o Piquiri na Serra, enquanto que este seguramente só corre logo abaixo dali.*

*No ponto onde encontramos o Itiquira, sua largura era de 30 m, com uma correnteza de 1,5 m relativamente forte, o que nos dificultou sua travessia. Um burro foi arrastado por uns 150 m rio abaixo e, só após muito esforço, conseguimos salvá-lo. Para conseguir carregá-lo até a margem, de dois metros de altura em relação ao rio, custou-nos quase duas horas. Somente no dia 20 o nosso pelotão conseguiu atravessar a carga para o outro lado. Como o braço de Macao ainda não estava bom, precisei revezar o trabalho com Eloy. Nós fomos assim sempre levados pela correnteza e precisávamos voltar um trecho pela mata, o que era extremamente desagradável pelo enorme número de mosquitos que ali havia.*

*No dia 21 de abril às 10h24 deixamos a margem direita do Itiquira e precisamos de aproximadamente uma hora para atravessar um trecho de 2,5*

km de mata virgem fechada. A subida pelo próximo costão, 125 m acima do Itiquira, foi rápida, e às 15 hs chegamos a um vale onde havia um ribeirão com água cristalina. Conseguimos atravessar a nossa carga rapidamente com a ajuda de uma pequena ponte. Os animais foram atravessados em uma parte do riacho onde não havia correnteza, o que mesmo assim nos causou problemas, demorando uma hora e meia para completar a tarefa. Às 18 hs já estávamos acampados no lado sul do riacho e, para homenagear o Capitão Serejo, chamamos de Rio Tury [310 m],  $d = 11,0$  km. A noite foi fria e clara, assim na manhã seguinte, tudo estava úmido devido ao orvalho.

“Por falta de animais” só pudemos partir no dia 22 às 10h40 e, já que era necessário abrir picada na mata, só pudemos avançar muito lentamente. Mais tarde encontramos um campo limpo, avistamos o vale do Rio Corrente, porém viramos a uma fonte ao oeste, para acamparmos já às 16h15, uma vez que Serejo não se sentia muito bem. (Cabeceira dos Porcos  $f = 17^{\circ}25,3'$  [323 m],  $d = 12,0$  km). No dia 23 partimos às 8h18, seguimos primeiramente o Cabeceira dos Porcos, desviamos o caminho para uma mata de arbustos, uma vez que o mesmo seguia muito para o oeste. Ali foi necessário novamente abrir picada. Após 2 horas e quinze minutos chegamos a um riacho, o qual queríamos acompanhar em direção sudoeste até o rio Corrente, porém fomos forçados a seguir em direção sudeste, pois nos deparamos com uma nascente de rio de 50 m de profundidade, até que pudéssemos atravessá-la. Então fomos novamente em direção sul pela densa mata, até chegarmos ao vale do riacho, subimos um morro e encontramos uma região com fortes correntezas. O Rio Corrente já tem ali cerca de 50 m de largura e 1,80 m de profundidade, um pouco acima ele é estreitado em 20 m [242 m]. A água corre rapidamente e é muito cristalina; na margem ao sul, a areia é finamente granulada e muito dura. Às 16h30 os animais e a carga já se encontravam na margem esquerda do rio, onde nos assentamos ( $f = 17^{\circ}29,8'$ ,  $d = 10,5$  km). Logo que cheguei ao rio, avistei na margem esquerda uma forte anta, mas esta sumiu antes que pudesse pegar a minha espingarda. Coloquei os cachorros a procura de seu rastro, porém não seguiram adiante devido aos ferimentos que traziam nas patas, de modo que não conseguiam dar um passo sequer. Apesar de ter encontrado inúmeras pegadas de antas, este foi o único trecho da viagem onde pude ver uma da espécie.



*Animais silvestres para caça são relativamente raros de se encontrar. Além de dois patos selvagens que matei a beira do rio, só vi mais alguns veados campestres na volta, sem que eu conseguisse atirar em nenhum deles.*

*Partimos no dia 24 às 9h07, encontramos a certa distância do rio uma nascente e seguimos seu percurso, sempre acompanhando o contorno feito pela grama, até o final. Ao lado oposto da serra [407 m], chegamos a um riacho vindo do sul de 2 m de largura, sendo que levamos 45 minutos para atravessá-lo [317 m]. Cavalgamos seguindo a encosta da serra, até que, às 15h02, chegamos a uma fonte perto de uma lagoinha. (Cabeceira da Lagoinha  $f = -17^{\circ}37'$  [350 m],  $d = 17,0$  km). Naquela noite, um pequeno tatu nos serviu de um delicioso assado. Como novamente um dos burros escapou a noite, só pudemos partir às 9h10 do dia 25. Atravessamos uma parte da serra com campos enormes [408 m] e logo pudemos avistar os vales do Piquiri e Taquari. Uma paisagem característica da região é um morro solitário com dois picos divididos ao meio, o Morro de São Thomé. A cena correspondia à descrição que Serejo havia recebido como o Morro de Cangalha, onde um amigo possuía uma casa na Fazenda das Anhumas. Assim, decidimos seguir aquela direção. Nós marchamos direção sul (das 14h15 até 14h53 forte chuva com temporal), até que, às 16h30, chegamos perto de grandes paredes de pedra com 100 m até 150 m, onde era impossível subir com os animais. Nós voltamos então até a beira de um riacho, que havíamos cruzado ao meio-dia, e ali pernoitamos. ( $f = 17^{\circ}43'$  [322 m], do acampamento até o ponto mais ao sul 24,4, à noite até o acampamento 15,7 km.)*

*No dia 26 partimos apenas às 10h10, pois precisamos deixar as nossas roupas ao sol para secá-las, cavalgamos de volta pelo atalho usado no dia anterior; chegamos a um fio d'água entre os rios Corrente e Piquiri e tentamos seguir a direção sudeste. Viajamos até as 16 hs sem encontrar água pelo caminho, viramos ao sul, pois ali se via paredes enormes de pedra, a fim de encontrarmos um lugar para acampar. Finalmente chegamos a uma dessas paredes, em cujo sopé podíamos ouvir água correndo. Parecia impossível subir o mesmo; de repente nossos cães começaram a latir para uma anta, que fugiu para dentro; nós o seguimos, depois de retirar toda a carga dos burros todos os nossos pertences usados durante a viagem, e chegamos então a um riacho de 100 m de profundidade com excelente água, após meia hora de*



*caminhada. Nesse meio tempo, chegou o pôr-do-sol e logo foi escurecendo e foi com muita dificuldade que Macao encontrou de novo o caminho de volta pela mata densa. ([351 m],  $d = 22,0$  km.) Serejo estava um pouco deprimido, pois nem pensava em uma descida naquele ponto, alimentos escasseavam e os burros não poderiam suportar mais tanto tempo assim sem água. Naquele e nos próximos dias, botamos fogo na grama do campo, para que, eventualmente, os moradores locais pudessem nos notar. Depois de termos buscado água e comido arroz como café da manhã, partimos às 9h10, seguindo principalmente a parede de pedra, direção leste, até então chegarmos a uma fonte às 13h20, onde os animais puderam matar a sede, após terem ficado mais de 30 horas sem beber água. Dali, às 15h40 cavalgamos novamente em direção sudeste até encontrarmos um vale para acamparmos sobre um bloco de pedra seca por onde corria água ( $f = -17^{\circ}49,2'$  [357 m],  $d = 24,8$ ). Em um atalho de anta encontramos água a 100 m de profundidade.*

*Como a parede de pedra se estendia de leste a oeste, e Serejo acreditava que devíamos rumar ao sul para encontrarmos novamente terras povoadas, passamos o dia 28 procurando um lugar onde pudéssemos descer com os animais 62 m abaixo, naquela direção, em segurança. Quando achamos finalmente, levamos 1h15 para conseguirmos realizar a tarefa. Cavalgamos 1 km e logo encontramos novamente um barranco com a encosta vertical. Graças a um rastro de pegadas deixado por antas, pudemos achar uma passagem mais tranquila de se descer, 124 m para baixo, de modo que às 16h30 ([136 m],  $d = 8,0$  km) pudemos montar nosso acampamento perto de um riacho, na planície do Piquiri. Denominamo-lo de Ribeirão do Ruivo, em homenagem ao genro de cabelos vermelhos do Fazendeiro Chico Felix. Das 17h até 18h30 tivemos uma tempestade, e só depois pudemos preparar o nosso arroz, que comemos com muita vontade.*

*No dia 29, após atravessarmos o riacho de 3 m de largura, partimos às 10h50, marchamos por um capinzal muito alto. Depois de 1h15, chegamos ao Piquiri de 10 m de largura. Às 15h30, atravessamos a carga nos nossos ombros e transportamos os animais até a outra margem do rio, de modo que pernoitamos ali mesmo ( $f = -17^{\circ}54,0'$  [106 m],  $d = 4,5$  km). No dia 30 nos partimos às 8 hs, atravessamos das 9h30 até 10h10 o Córrego Chico Felix de 6 m de largura, cheio de arenitos pontudos, o que fez com que um*

de nossos animais escorregasse e caísse, e às 11h15, encontramos rastro de gado, o que fez com que o ânimo do meu grupo melhorasse sensivelmente. Procuramos um lugar para acampar, e finalmente às 16h47 encontramos o espaço ideal, ao lado de um riacho, depois de atravessar diversos riachos de 2 a 3 m de profundidade ( $f = -18^{\circ}0,4'$  [137 m],  $d = 12,5$  km). De manhã eu havia atirado em um tucano, que nos serviu de refeição à noite.

No dia 1º de maio partimos às 8h30, encontramos mais rastro de gado pelo caminho, atravessamos três riachos, onde meu cavalo, já muito fraco, caiu duas vezes, e chegamos às 14h45 em um rio com muita correnteza, correndo em direção oeste: o Taquari. Decidimos que teríamos um dia de descanso, para procurarmos moradores nativos, que não deviam estar muito longe de onde estávamos. (Superfície do Taquari [73 m],  $d = 12,7$  km, temperatura da água do Taquari =  $+24,3^{\circ}\text{C}$  em 3 de maio às 8h40.) Não muito longe do acampamento, encontramos um pequeno rebanho, no qual havia uma vaca com um bezerrinho de um ano de vida. Fui buscar minha espingarda, aproximei-me e os animais fugiram em disparada. Consegui dar um primeiro tiro, a 150 m de distância, e uma bala atingiu o bezerro. O bezerro se assustou, mas continuou em pé. Aproximei-me mais e, a 80m de distância, disparei meu segundo tiro. Finalmente o bezerro caiu morto no chão. Foi com grande alegria que comemos bisteca bovina, o que me fez lembrar da minha querida cidade Munique, onde eu podia desfrutar desse prazer duas vezes ao dia. (Das 17 às 18h30 forte temporal.)

No dia 2 de maio, Serejo pescou um dourado suculento. Enquanto Macao salgava e secava a carne restante do bezerro, Serejo e eu queríamos procurar a fazenda, porém, voltamos depois de quatro horas ao acampamento, sem nenhum resultado; nós encontramos bastante gado, mas não avistamos cavalos nem pessoas. De tarde, começou a chover e o dia seguiu fechado, o que fez com que não foi possível secar direito a carne e nós precisamos, no dia 3 de maio, amarrar o resto da carne no lombo do burro, torcendo para que não apodrecesse logo, para que pudéssemos subir o Taquari e encontrar moradores locais. Neste dia, partimos às 9 h, encontramos após uma hora um rastro, que foi deixado por gado pouco tempo atrás e chegamos, após seguir a trilha deste, a um Retiro: um rancho com três cercados muito bons para deixar o rebanho, que se situava próximo a um

riacho de 14 m de largura. Nós rumamos a oeste e chegamos a uma antiga plantação, onde se iniciava uma pequena estrada de carroças. Nós continuamos a cavalgar até às 17 h, sem, contudo encontrar ninguém. Montamos acampamento perto de uma fonte d'água ([136 m] d = 20,0 km). Durante o dia inteiro, o céu estava encoberto; à noite, começou a chover.

Retomamos a nossa viagem no dia 4 de maio às 8h47 e depois de uma hora, chegamos a uma imponente fazenda. Onde estamos? “Na Fazenda São Pedro, 9 léguas de Coxim, 40 léguas do Baú.” Nós acreditávamos, de acordo com o que consultamos no mapa de Pimenta Bueno, que o Baú ficasse mais ao oeste; ficamos muito desapontados ao saber disso, porém quando o amável dono da fazenda nos disse: “Vamos almoçar feijões”, voltou o nosso bom-humor e pudemos nos deliciar com a refeição. Tinha-se percebido o fogo ateado ao campo na serra, mas pensando que os Coroados (índios Bororo) fossem os responsáveis, há cinco dias, ninguém pôs os pés fora da casa.

Como a Fazenda São Pedro, que se situa ao norte do rio Taquari com 50 m de largura, é uma das maiores de sua região, acho interessante relatar alguns fatos acerca desta. A proprietária é Dona Claudina Maria d'Aleluia; seus três filhos, João Januário, Luiz e Feliciano, todos com o sobrenome Theodoro da Silva, e seu genro João Camy, um sujeito descendente dos bascos da região dos Baixos Pirineus, são aqueles que administram a fazenda. Ao todo, há no momento 40 pessoas ali vivendo. A área total é de 18 léguas quadradas = 784,1 km<sup>2</sup> (a légua-quadrada = 43,56 km<sup>2</sup>), onde pastam cerca de 500 cabeças de gado. A principal atividade ali é a agricultura. A maioria das plantações se encontram perto do Taquari e de seus afluentes. Todos os anos plantam-se oito alqueires que, de acordo com os dados que lá me passaram, devem corresponder a uma superfície de 32 000 braços quadrados = 15,4 ha; em esquema de rodízio, para não esgotar os nutrientes do solo. O rendimento das plantações fixas da fazenda é de 800 alqueires = 280 hl de milho, 35 arrobas = 514 kg café, 100 arrobas = 1469 kg açúcar, 1000 rapaduras (açúcar in natura no tamanho de uma pedra de assar), 900 L cachaça, 30 arrobas = 441 kg tabaco e uma quantia considerável de feijão e mandioca. Nos solos frescos desmatados das matas serão plantados por três anos milho, depois por quatro anos açúcar de cana ou por três anos mandioca e, em vez de milho, dois anos de arroz, (o chamado

arroz silvestre, que não precisa de água para ser cultivado). Os preços para aqueles produtos, naquela época, eram 1 alqueire = 36,3 L de milho: 1,5-2,0 mil réis, 1 alqueire de feijão e 1 alqueire de farinha de mandioca: 6 mil réis, 1 arroba = 14,7 kg açúcar: 7 mil réis, 9 litros de cachaça: 4 mil réis. Um boi manso custa 25 mil réis, um selvagem 20 e uma vaca 15 mil. Um trabalhador recebe por dia um mil réis, mais a sua refeição. Milho, arroz etc plantam-se nos meses de setembro e início de outubro. A colheita é em maio. A época das chuvas começa em setembro e termina em abril, mas às vezes se estende até junho ou julho. Granizo costuma cair em setembro, as pedras chegam a ter tamanho de pequenas uvas. A Fazenda foi fundada em 1854, foi totalmente queimada em 1857, foi destruída pelos paraguaios em 1865, e passou a ser mais povoada alguns anos antes da nossa chegada, devido ao medo que a população sentia dos ataques dos índios Bororós.

Como nossos animais precisavam urgentemente de descanso e a Fazenda das Anhumas era a apenas quatro léguas de distância, decidimos partir para lá. Despedimo-nos então no dia 5 de maio ao meio dia dos homens hospitaleiros de São Pedro (não conhecemos nenhuma das mulheres) e fomos primeiramente até a Fazenda Pedro Gomes ([81 m], d = 14,0 km), localizada às margens do riacho que levava o mesmo nome e cujo dono, Antonio Theodoro de Carvalho, era cunhado do proprietário da Fazenda das Anhumas, Chico Felix. Ele nos acolheu amigavelmente e mandou chamar Chico Felix, que mora 6 km ao norte e logo apareceu. Nesta fazenda com 3 léguas e meia de comprimento por 2 e meia de largura, é criado muito gado. Ela está localizada no caminho de Cuiabá até o Baú a 10 léguas do ponto onde esta estrada e a Coxim-Baú se juntam. Este caminho Cuiabá-Baú atravessa o Taquari perto da região do Retiro, que encontramos no dia 3 de maio, e parece ser impossível de ser feito com carroças.

No dia 6 de maio cavalgamos das 8h40 às 10h25 até a Fazenda das Anhumas, a 6 km de distância. Como o cunhado de Serejo era, na época, noivo de uma das filhas do senhor Francisco Felix José Ramos, fomos muito bem recebidos. Como eu estava muito cansado e sofrido, procurei me refazer, descansando uns dias à sombra das laranjeiras. Fomos cuidados pela senhora da casa de maneira maternal, de modo que esta sempre estará em meus pensamentos de gratidão. Chico Felix é um homem ativo de cinquenta

anos, que passou a vida criando gado e que desde a peste dos cavalos, que os acometeu há 20 anos, passou a criar estes animais também. A Fazenda, com seus 1400 km<sup>2</sup>, foi abandonada por um bom tempo devido à ameaça dos índios; apenas há pouco tempo Chico Felix a retomou e construiu uma nova casa ( $f = -18^{\circ}0,6'$ ,  $l = 5m50s$  a leste de Cuiabá, [70 m]). Anhumas (*Palamedea cornuta*) são pássaros do tamanho de pavões, com espinhos nas asas. Estas aves deram seu nome à fazenda. Chico Felix não permite que sejam caçadas; portanto são muito freqüentes na região e, sempre durante o dia, podemos apreciar o seu canto que lembra o bater de um sino.

As informações que ali recebemos nos mostravam que o caminho dali até o Baú não nos apresentaria mais nenhum tipo de dificuldade. Porém, como eu precisava tomar o navio a vapor de junho para descer o Rio Paraguai e nossos animais não conseguiriam continuar a viagem sem um longo descanso, precisamos nos decidir sobre a viagem de volta. A fim de conhecer pelo menos um pouco do núcleo colonial de Coxim, Chico Felix, Serejo e eu partimos às 6h30 em uma cavalgada de 8 horas, com os animais de Chico Felix, no dia 8 de maio, até o Retiro Estiva, [76 m] onde pernoitamos. No dia 9, após 45 minutos de cavalgada, chegamos até a Estrada de Coxim para o Rio Claro, que cruza o rio Taquari por uma ponte. Por ali atravessam sempre várias carroças com até 12 pares de bois (anualmente 200), para levar sal de Corumbá até Coxim pelo rio Taquari e chegar depois ao estado de Goiás. Depois de mais uma hora e meia, chegamos a Coxim.

## Coxim

Coxim, também conhecido por Freguesia de Herculânea, é a principal cidade do distrito cujo nome é o mesmo. Localiza-se às margens do Taquari, cuja largura é de 144m, a 10 km abaixo do rio Coxim. A posição da Igreja é  $f = -18^{\circ}30'16''$ ,  $l = 4m53s$  a leste de Cuiabá e encontra-se 34 m acima da Matriz de Cuiabá, 6 m sobre a superfície do Taquari, cuja distância de Coxim até a foz é dada como 90 léguas. Coxim tem 28 casas com cerca de 150 almas, destes 20 são soldados subalternos do capitão. O distrito inteiro, cujas fronteiras são determinadas pelos pontos de Santa Luzia (junção dos rios Piquiri e Corrente), Rio Jauru (afluente do rio Coxim), Baú e Rio Negrinho, conta

*com 1500 a 1700 almas e 6000 cabeças de gado e paga de imposto anual ao cofre provincial uma soma de um Conto (1800 M.). A situação de saúde ali é boa. Dificilmente há surtos de febre na região, a não ser na região de alagamento do Taquari, 19 km abaixo. Entre Corumbá e Coxim navega um pequeno barco a vapor durante essa época, além de outras embarcações (1887 seis exemplares), na qual cada uma faz de seis a sete viagens e transporta de 600 a 800 arrobas. A viagem rio acima demora de 22 a 28 dias, enquanto que a viagem inversa é de 10 dias. Rio abaixo são transportados alimentos, rio acima além de serem transportados produtos industrializados (fazendas), também anualmente leva-se 5000-6000 alqueires de sal (à 36,27 L), uma grande parte destinada a Goiás, como observado mais acima.*

*Como a vida pulula fora do nosso ninho e, nem por isso, pode deixar de ser interessante, passarei a descrever mais detalhadamente a nossa parada ali. Nós aceitamos o convite do Capitão Mendonza de nos hospedarmos em sua magnífica casa, onde sua mulher, a Dona Assunção (que, apesar de seus dez filhos, ainda era uma paraguaia muito bonita) nos fez toda a honra da casa. Todos os dias recebíamos visitas e nós sempre retribuíamos as mesmas. Além disso, eu fazia compras em uma venda razoavelmente grande (por exemplo, comprei uma camisa azul e roupas íntimas de algodão por 2,5 mil réis e um chapéu de palha por 1,5 mil réis). A personalidade mais importante ali, depois do capitão, é o subdelegado da polícia; ele também é professor público, zelador da igreja, agente do correio, capitão portuário e médico homeopata. Como ele não pode ter mais nenhum cargo, de acordo com a lei, seu filho de 23 anos foi nomeado para o único posto ainda vago, o de “coletor das rendas provinciais”. Como o pai entende melhor a escrita que o filho, o filho o contratou como Escrivão. O homem multivalente recebe como professor um salário de 80 mil réis (a escola possui cerca de 20 alunos) e 5 mil réis para a manutenção do prédio escolar construído por ele mesmo, mas que, pelas condições de higiene, não deve estar sendo destinado a essa finalidade. Além disso, mantém um pensionato com doze alunos, que, em troca de estudos, trabalham para ele em suas horas vagas no campo, o que lhe rende 72 alqueires de milho e 250 kg de café.*

*Como chegamos a Coxim justamente na semana da Festa do Espírito Santo, havia danças quase diariamente e, à noite, havia baile familiar na*

*casa do Capitão, do qual participamos, apesar da nossa falta de toalete. A música era feita por uma harmônica, e soldados a acompanhavam tocando triângulos, castanholas e colheres. Alguns fogos, que também foram soltos para comemorar a nossa chegada, davam início à festividade. As famílias, das quais somente duas gozavam das bênçãos de pais legítimos, chegavam pontualmente. As jovens moças eram em sua maioria bem bonitas, algumas um pouco escuras; todos divertiam-se bastante, não comiam quase nada e bebiam muito café. Às senhoras era também servido vinho do porto, aos senhores, rum. Levando em consideração que o capitão era o comandante dos soldados, sua sobriedade em relação a estes não era muito forte.*

*No dia 10 de maio (Festa da Ascensão) partimos de Coxim às 8h30 e chegamos à Fazenda das Anhumas às 20h07. Descontando as pausas, fizemos o percurso de 69,3 km em 10 horas e 21 minutos.*

*No dia 12 de maio combinamos a nossa viagem de volta; Chico Felix, seu filho e seus dois genros nos acompanharam. Deixamos para trás um de nosso burros, cujas profundas feridas nos pés ainda não haviam se curado, e em troca, Chico Felix nos concedeu um cavalo para levar nossa carga. Depois de termos dormido no Retiro de Chico Felix, chegamos no dia 13 logo a um ponto, onde havíamos queimado o pasto durante a nossa viagem de vinda, e achamos então também a nossa trilha. Nós seguimos por essa trilha, atravessamos rapidamente o Piquiri, no qual o genro ruivo de Chico Felix demonstrou demasiada energia, e chegamos à noite ao acampamento no pé da serra. Ali, no dia 14, nossos amigos se despediram e retornaram para a Fazenda.*

## *Viagem de volta de São Lourenço a Cuiabá*

*Como meus companheiros de viagem já haviam deixado a Colônia Bororo em São Lourenço quatro semanas antes de eu retornar, também decidi não ficar mais ali; parti a cavalo no dia 27 de maio, às 11h15, juntamente com o cadete Albano, rumo à Cuiabá. Eloy nos acompanhou, levando em um burro a minha bagagem. Apressamo-nos o máximo possível, viajamos das 11h15 até 22h07, fazendo apenas duas pausas de 25 minutos cada, até*



chegarmos ao acampamento Belisário, onde medi uma temperatura de +6,2 °C no dia 28 de maio às 6h15. No dia 28 cavalgamos das 8h08 até 17h27 com apenas duas pausas novamente, desta vez de 50 e 25 minutos cada, até o acampamento Serrinha. No dia 29 partimos às 8h12, chegamos, após passarmos perto do riacho Raimundo onde fizemos uma longa parada de 53 minutos, em José às 12h30 e rumamos diretamente para sudoeste acompanhando o ritmo do riacho Cupim. Às 15h07 chegamos à imponente Fazenda Cupim [224 m], porém só ficamos um quarto de hora ali, uma vez que o proprietário, um rapaz muito novo, não nos ofereceu nem um gole de rum. Continuamos nosso caminho até chegar às 17h20 na Fazenda Palmeiras ( $f = -15^{\circ} 56,0'$ ,  $l = 2m11s$  a leste de Cuiabá [25 m]). Apesar da escravidão já estar em declínio, Palmeiras era um grande cinturão econômico da região e por isso possuía grande número de escravos. A Lei de Abolição da Escravidão já havia sido publicada no dia 13 de maio, porém isto ainda não havia se propagado até ali; também nós, somente descobrimos isso ao chegarmos a Cuiabá. O senhor José Leite, o proprietário, acolheu-nos amigavelmente. De noite conversamos sobre política e Leite se mostrou um republicano assumido. Ele se entusiasmava pela ferrovia até Cuiabá, que ajudaria muito a agricultura decadente da região. Quando comentei sobre a rentabilidade desesperadora e o agravamento das finanças brasileiras, este rebateu de bom humor: “Os custos não tinham importância alguma. Na Inglaterra, Alemanha e França havia tanto dinheiro e as pessoas não ligavam em gastar, que os estados exóticos podiam fazer o que quisessem e ninguém reclamaria. Pela caracterização da moral política vigente, eu não acho estranho que muitas pessoas reclamaram quando a Colônia dos Bororos foi fundada, pelos altos custos que foram gerados”.

No dia 30 andamos pela fazenda para conhecê-la melhor, localizada em um terreno de uma légua e meia. O senhor Leite era seguido passo a passo por um sujeito negro, que segurava uma enorme tora de madeira para que Leite pudesse apagar o cigarro quando quisesse. De quase cem moradores da Fazenda, havia ainda 30 escravos homens e 20 escravas mulheres. Suas moradias estavam caindo aos pedaços. No dia 30 de maio deixamos a Palmeiras às 8h43, fizemos ao meio-dia uma pausa de 40 minutos e chegamos às 17h33 no vilarejo de Aricá Mirim; no dia 31 partimos às 6h40, fizemos ao meio-dia uma pausa de 1h30 e chegamos ao assentamento



*Aricá mirim às 17h33. Várias notícias ali me esperavam. O Imperador Guilherme (Kaiser Wilhelm) havia morrido, meus companheiros já haviam partido, os senhores von den Steinen seguiram rio acima quatro semanas antes, o Sr. Dr. Ehrenreich partiu havia 14 dias rumo a Goiás. Alguns dias antes de eu embarcar no barco a vapor, chegou a notícia da abolição da escravidão em Cuiabá, o que trouxe imensa alegria à cidade. Eu me ocupei nos últimos oito dias em trabalhar na Estação Meteorológica em Arsenal os nossos apontamentos de viagem, enquanto me hospedava na casa do senhor Perrot. No dia 8 de junho embarquei no barco a vapor “Coxipó” e segui rio abaixo.*